

# EDITORIAL

**Nara Maria Pimentel**

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, SC - Brasil. Professora da Universidade de Brasília (UnB) - Brasília, DF - Brasil.

---

Nos últimos anos, o Brasil e o mundo testemunharam a transformação da educação em todos os níveis e modalidades de ensino. A tecnologia avança em velocidade vertiginosa, levando à transformação do modo como aprendemos e ensinamos. Essas mudanças oferecem aos especialistas, gestores e educadores, a oportunidade de incluir as tecnologias de comunicação e informação (TICs) nos processos de ensino e aprendizagem. Tais cenários justificam esta edição temática da revista *Inclusão Social* com foco nas Tecnologias Educacionais e na Educação a Distância. Nela, buscou-se reunir um grupo de autores referência nas temáticas, com o objetivo de promover a reflexão sobre as abordagens da tecnologia e da educação a distância na educação contemporânea.

Por que tecnologias educacionais e educação a distância?

Pensemos inicialmente nas tecnologias educacionais. Nossa posição conceitual diante das tecnologias de informação e comunicação (TICs) converge com a posição de Sancho (1998), que envolve uma perspectiva histórico-social, cultural e política da tecnologia, subtraindo-a do imperativo tecnológico, para que se possa tomar decisões com conhecimento de causa sobre como colocá-la em prática nas situações de ensino e aprendizagem.

A conotação de educacional à tecnologia perde seu sentido genérico e passa a se referir a todas as ferramentas intelectuais, organizadoras e de instrumentos à disposição, ou criados pelos diferentes envolvidos no planejamento, na prática e na avaliação do ensino. Corroborando Sancho (1998), pensar em uma tecnologia que seja educativa, ou seja, útil para educar, é a principal motivação, atrelada, neste caso, à modalidade de educação a distância tão em voga no contexto da evolução tecnológica.

A autora, ao fazer referência às novíssimas tecnologias de informação e comunicação aplicadas ao ensino, chama a atenção para as implicações delas no campo político, econômico, social e cultural. Para Sancho,

os profissionais do ensino, qualquer que seja sua função no sistema, necessitam conhecer e avaliar para poder tomar decisões informadas às tecnologias de informação e da comunicação disponíveis, que já fazem parte do ambiente de socialização do corpo docente e discente. Necessitam pensar em uma tecnologia que seja educacional, quer dizer, útil para educar. Precisam de um conhecimento que possibilite a organização de ambientes de aprendizagens (físicos, simbólicos e organizacionais) que situem os estudantes e o corpo docente nas melhores condições possíveis para perseguir metas educacionais consideradas pessoal e socialmente valiosas. Isto sem cair na ingenuidade de crer que com isso acabaremos com o problema do ensino, nem no engano de pensar que, ignorando o que ocorre ao nosso redor, salvaguardaremos a escola dos perigos tecnológicos. (SANCHO, 1998 p. 12-13)

Essa reflexão é fundamental e traduz a visão daqueles que atualmente refletem sobre as tecnologias em contextos educacionais, principalmente no ensino básico e superior.

Para compreender as bases dessa reflexão, Pinto (2005) alerta que é preciso estar atento ao indisfarçável conteúdo ideológico da “era tecnológica”. O autor assevera que esse conceito encobre, ao lado do sentido razoável e sério, outro, tipicamente ideológico, graças ao qual os interessados procuram embriagar a consciência das massas, fazendo-as crer que têm a felicidade de viver nos melhores tempos jamais desfrutados pela humanidade.

Esse alerta vale igualmente para a temática da educação a distância (EaD), que por sua vez é dependente das TICs. Trata-se de um tema sobre o qual se desenvolvem fortes debates na atualidade.

De um lado, grupos entusiastas defendendo a necessidade do seu uso no processo de ensino e aprendizagem, do mesmo modo que destacam que a educação precisa se aproximar da geração de nativos digitais, sob pena de ficar para trás. Os mesmos defensores também apregoam que vivemos na sociedade do conhecimento, da era da informação, e que cabe aos educadores contribuir para que as tecnologias possam incluir a sociedade no mundo digital.

Do outro lado, temos aqueles que defendem a impossibilidade de um estudante aprender, com qualidade, sozinho em frente a um monitor de computador, uma televisão ou uma apostila. Do mesmo modo, veem a EaD como uma educação de segunda categoria e tecnicista por vocação. Esse grupo argumenta que a EaD prescinde do contato face a face. Além desses, vários slogans de que a EaD favorece a autonomia, que o professor pode atender mais alunos, que é mais barato que o ensino presencial fazem parte dos argumentos. Esse debate não pertence somente ao grupo acadêmico, mas atinge também pais, estudantes, a mídia e as famílias. Enfim, toda a sociedade.

Ambos os debates encontram justificativas reais pelo modo como as TICs são utilizadas no ensino presencial e a distância, já que muitos definem a educação pela tecnologia utilizada. Obviamente a educação é a força motriz para a escolha da tecnologia e caberá ao projeto pedagógico definir qual, como e porque se fará uso desta ou daquela tecnologia que invariavelmente deverá estar a serviço do projeto de educação.

Em resumo, nenhuma das tecnologias é a panaceia, nenhuma é melhor que outra e sempre a sua prioridade, utilidade e eficiência estão em função de cada estudante. Por isso, a maneira de melhorar seu uso é, juntamente com o papel do professor, proporcionar grande diversidade de materiais e meios tecnológicos: quanto maior diversidade de tecnologias na educação e maior variação do trabalho intelectual realizado pelo estudante em cada uma das tecnologias, maior será a garantia de cada pessoa possa encontrar aquilo que precisa, e possa, dessa forma, alcançar sucesso em seus

estudos (Sancho, 1998 p.195).

Portanto, aqui o leitor encontrará a oportunidade de refletir sobre diferentes abordagens atuais e críticas envolvendo as tecnologias e a EaD, e sua possível contribuição para a construção da cidadania, para a melhoria da qualidade do ensino e possibilidades na aprendizagem. Também se reflete sobre a educação a distância no contexto das políticas públicas sociais e o debate atual em torno deste tema.

Desse modo, evidenciar como as tecnologias educacionais e a educação a distância interferem nos contextos de ensino e aprendizagem é fundamental para um olhar mais cuidadoso acerca do que está sendo produzido no âmbito da educação considerando a denominada cultura digital, e os reflexos e influências desta no ato educativo.

Agradeço imensamente a oportunidade dada pela revista *Inclusão Social* de reunir excelentes pesquisadores sobre o tema das TICs na educação presencial e a distância, bem como de expressar minha opinião acerca deste tema tão atual na educação deste século.

---

## REFERÊNCIAS

- PINTO, A.V. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, volume I, 2005.
- SANCHO, J. M. *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

# EDITORIAL

**Nara Maria Pimentel**

PhD in Production Engineering, Federal University of Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, SC - Brazil.

Professor at the University of Brasília (UnB) - Brasília, DF - Brazil.

---

In recent years, Brazil and the world have witnessed the transformation of education at all levels and modes of education. Technology advances at breakneck speed, leading to the transformation in the way we learn and teach. These changes offer specialists, managers and educators the opportunity to include information and communication technologies (ICTs) in teaching and learning processes. Such scenarios justify this thematic issue of the journal *Inclusão Social* with a focus on Educational Technologies and Distance Education. In it, we sought to bring together a group of reference authors in the themes, with the aim of promoting reflection on the approaches of technology and distance education in contemporary education.

Why educational technologies and distance education?

Let's think initially about educational technologies. Our conceptual position in relation to information and communication technologies (ICTs) converges with the position of Sancho (1998), which involves a historical-social, cultural and political perspective of technology, subtracting it from the technological imperative, so that decisions can be taken with knowledge of how to put it into practice in teaching and learning situations.

The connotation of educational to technology loses its generic meaning and goes on to refer to all the intellectual tools, organizers and tools available, or created by the different people involved in planning, practice and evaluation of teaching. Corroborating Sancho (1998), to think of a technology that is educational, that is, useful to educate, is the main motivation, linked, in this case, to the mode of distance education so much in vogue in the context of technological evolution.

The author, referring to the latest information and communication technologies applied to teaching, draws attention to their implications in the political, economic, social and cultural fields. For Sancho,

school staff, whatever their role in the system, need to know and evaluate in order to make informed decisions on information and communication technologies available that are already part of faculty's and students' socialization environment. They need to think of technology that is educational, that is, useful for educating. They need knowledge that enables the organization of learning environments (physical, symbolic and organizational) that place students and faculty in the best possible conditions to pursue educational goals considered personally and socially valuable. This without falling into the naiveté of believing that with this teaching will be over, nor into the mistake of thinking that, ignoring what is happening around us, school will be safe from technological dangers. (SANCHO, 1998, pp. 12-13)

This reflection is fundamental and translates the vision of those who currently think on technologies in educational contexts, especially in primary and higher education.

To understand the basis of this reflection, Pinto (2005) warns that one must be attentive to the undisguised ideological content of the "technological age". The author asserts that this concept conceals, alongside the reasonable and serious sense, another, typically ideological, thanks to which the interested ones try to intoxicate the conscience of the masses, making them believe that they are lucky to live in the best times ever enjoyed by humanity.

This warning also applies to the issue of distance education (DE), which in turn is dependent on ICTs. This is a topic on which there are strong debates today. On the one hand groups of enthusiasts defend the need for its use in the process of teaching and learning in the same way that they highlight that education needs to be closer to the generation of digital natives, or be

penalized by falling behind. These advocates also claim that we live in the knowledge society, the information age, and that it is up to educators to contribute so that technologies may include society in the digital world.

On the other side are those who argue that it is impossible for a student to learn, with quality, alone in front of a computer monitor, a television or a guidebook. In the same way, they see the DE as a second-class education and technical by vocation. This group argues that DE dispenses face-to-face contact. In addition to these, several slogans that the DE favors autonomy, that the teacher can cater to more students, that it is cheaper than face-to-face teaching are part of the arguments. This debate does not belong only to the academic group, but also affects parents, students, the media and families. In short, all of society.

Both debates find real justification due to the way ICTs are used in face-to-face and distance learning, since many define education through the technology used. Obviously education is the driving force for the choice of technology and it will be up to the pedagogical project to define what, how and why this or that technology should be used, which will invariably be at the service of the education project.

In short, none of the technologies is the panacea, none is better than another and their priority, utility and efficiency are always dependent on each student. Therefore, the way to improve its use is, along with the role of the teacher, to provide a great diversity of materials and technological means: the greater the diversity of technologies in education and the greater variation of the intellectual work performed by the student in each of the technologies, the greater the guarantee that each person may find what is needed, and can thus achieve success in their studies (Sancho, 1998 p.195).

Therefore, here the reader will find the opportunity to reflect on different current and critical approaches involving technologies and DE, and their possible contribution to the construction of citizenship, to improve the quality of teaching and possibilities in learning. It is also reflected on distance education in the context of public social policies and the current debate around this theme.

Thus, to highlight how educational technologies and distance education interfere in the contexts of teaching and learning is fundamental for a more careful look at what is being produced in the educational sphere considering the so-called digital culture, and the reflexes and influences of this in the educational act.

I am very grateful for the opportunity given by the journal *Inclusão Social* to bring together excellent researchers on the subject of ICTs in face-to-face and distance education, as well as to express my opinion on such current topic in the education of this century.

---

## REFERENCES

PINTO, A.V. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, volume I, 2005.

SANCHO. J. M. *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

# EDITORIAL

**Nara Maria Pimentel**

Doctora en Ingeniería de Producción por la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, SC - Brasil. Profesora de la Universidad de Brasilia (UNB) - Brasilia, DF - Brasil.

---

En los últimos años, Brasil y el mundo han presenciado la transformación de la educación en todos los niveles y modalidades de enseñanza. La tecnología avanza en velocidad vertiginosa, llevando a la transformación del modo en que aprendemos y enseñamos. Estos cambios ofrecen a los especialistas, gestores y educadores, la oportunidad de incluir las tecnologías de comunicación e información (TICs) en los procesos de enseñanza y aprendizaje. Tales escenarios justifican esta edición temática de la revista *Inclusão Social* con foco en las Tecnologías Educativas y en la Educación a Distancia. En ella, se buscó reunir un grupo de autores referencia en las temáticas, con el objetivo de promover la reflexión sobre los enfoques de la tecnología y de la educación a distancia en la educación contemporánea.

¿Por qué las tecnologías educativas y educación a distancia?

Pensemos inicialmente en las tecnologías educativas. Nuestra posición conceptual frente a las tecnologías de información y comunicación (TICs) converge con la posición de Sancho (1998), que involucra una perspectiva histórico-social, cultural y política de la tecnología, sustrayéndola de la imperativa tecnológica, para que se pueda tomar decisiones con conocimiento de causa sobre cómo ponerla en práctica en las situaciones de enseñanza y aprendizaje.

La connotación de educacional a la tecnología pierde su sentido genérico y pasa a referirse a todas las herramientas intelectuales, organizadoras y de instrumentos a disposición, o creados por los diferentes involucrados en la planificación, en la práctica y en la evaluación de la enseñanza. Corroborando Sancho (1998), pensar en una tecnología que sea educativa, es decir, útil para educar, es la principal motivación, ligada, en este caso, a la modalidad de educación a distancia tan en boga en el contexto de la evolución tecnológica.

La autora, al referirse a las nuevas tecnologías de información y comunicación aplicadas a la enseñanza, llama la atención sobre sus implicaciones en el campo político, económico, social y cultural. Para Sancho,

los profesionales de la enseñanza, cualquiera que sea su función en el sistema, necesitan conocer y evaluar para poder tomar decisiones informadas sobre las tecnologías de información y comunicación disponibles, que ya son parte del ambiente de socialización del cuerpo docente y discente. Necesitan pensar en una tecnología que sea educativa, es decir, útil para educar. Necesitan un conocimiento que posibilite la organización de ambientes de aprendizaje (físicos, simbólicos y organizacionales) que sitúe a los estudiantes y al cuerpo docente en las mejores condiciones posibles para perseguir metas educativas consideradas personal y socialmente valiosas. Esto sin caer en la ingenuidad de creer que con eso estarán resueltos todos los problemas de la enseñanza, ni en el engaño de pensar que, ignorando lo que ocurre a nuestro alrededor, salvaguardaremos la escuela de los peligros tecnológicos. (SANCHO, 1998: 12-13)

Esta reflexión es fundamental y traduce la visión de aquellos que actualmente reflejan sobre las tecnologías en contextos educativos, principalmente en la enseñanza básica y superior.

Para comprender las bases de esa reflexión, Pinto (2005) alerta que hay que estar atento al indiscutible contenido ideológico de la “era tecnológica”. El autor asegura que ese concepto encubre, al lado del sentido razonable y serio, otro, típicamente ideológico, gracias al cual los interesados buscan embriagar la conciencia de las masas, haciéndolas creer que tienen la felicidad de vivir en los mejores tiempos jamás disfrutados por la humanidad.

Esta alerta vale también para la temática de la educación a distancia (EaD), que a su vez es dependiente de las TICs. Se trata de un tema sobre el que se desarrollan fuertes debates en la actualidad.

De un lado, grupos entusiastas defendiendo la necesidad de su uso en el proceso de enseñanza y aprendizaje, del mismo modo que destacan que la educación necesita aproximarse de la generación de nativos digitales, bajo pena de quedarse atrás. Los mismos defensores también predicán que vivimos en la sociedad del conocimiento, de la era de la información, y que corresponde a los educadores contribuir para que las tecnologías puedan incluir a la sociedad en el mundo digital.

De otro lado, tenemos aquellos que defienden la imposibilidad de un estudiante aprender con calidad solo frente a un monitor de computadora, una televisión o una apostilla. De la misma manera, ven la EaD como una educación de segunda categoría y tecnicista por vocación. Este grupo argumenta que la EaD prescinde del contacto cara a cara. Además de estos, varios slogans de que la EaD favorece la autonomía, que el profesor puede atender más alumnos, que es más barato que la enseñanza presencial forman parte de los argumentos. Este debate no pertenece apenas al grupo académico, sino que también afecta a padres, estudiantes, medios de comunicación y familias. En fin, toda la sociedad.

Ambos debates encuentran justificaciones reales por el modo en que se utiliza las TICs en la enseñanza presencial y a distancia, ya que muchos definen la educación por la tecnología utilizada. Obviamente la educación es la fuerza motriz para escoger la tecnología y cabrá al proyecto pedagógico definir cuál, cómo y por qué se hará uso de esta o aquella tecnología que invariablemente deberá estar al servicio del proyecto de educación.

En resumen, ninguna de las tecnologías es la panacea, ninguna es mejor que otra y siempre su prioridad, utilidad y eficiencia están en función de cada estudiante. Por eso, la manera de mejorar su uso es, junto con el papel del profesor, proporcionar gran diversidad de materiales y medios tecnológicos: cuanto mayor diversidad de tecnologías en la educación y mayor variación del trabajo intelectual realizado por el estudiante en cada una de las tecnologías, mayor será la garantía de que cada persona pueda encontrar lo que necesita, y pueda, de esa forma, alcanzar éxito en sus

estudios (Sancho, 1998 p.195).

Por lo tanto, aquí el lector encontrará la oportunidad de reflexionar sobre diferentes enfoques actuales y críticos involucrando las tecnologías y la EaD, y su posible contribución a la construcción de la ciudadanía, para la mejora de la calidad de la enseñanza y posibilidades en el aprendizaje. También se refleja sobre la educación a distancia en el contexto de las políticas públicas sociales y el debate actual en torno a este tema.

De este modo, evidenciar cómo las tecnologías educativas y la educación a distancia interfieren en los contextos de enseñanza y aprendizaje es fundamental para una mirada más cuidadosa acerca de lo que se está produciendo en el ámbito de la educación considerando la denominada cultura digital, y los reflejos e influencias de ésta en el acto educativo.

Agradezco inmensamente la oportunidad dada por la revista *Inclusión Social* de reunir excelentes investigadores sobre el tema de las TICs en la educación presencial y a distancia, así como de expresar mi opinión acerca de este tema tan actual en la educación de este siglo.

---

## REFERENCIAS

PINTO, A.V. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, volume I, 2005.

SANCHO, J. M. *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1998.